Acervo ISA

A GAZETA - 09.12.79

148

PRESO HÁ 3 ANOS, ÍNDIO PODE SER VÍTIMA DE CRIME

Somente agora a FUNAI descobriu que existe um índio Tupiniquim, de Pau Brasil, do município de Aracruz, preso, há quase três anos, na cadeia pública do município, acusado de participar de um crime de morte, ocorrido num dos canteiros de obras da Aracruz Celulose.

E o caso não assume importância apenas pelo fato do personagem Altamir Ribeiro Cruz ser um índio, e como tal com direito à legislação especial, mas, sobretudo, porque ficou provado também que ele não participou do crime, segundo confessou recentemente o verdadeiro autor, penalizado com a sorte de sua mulher, que, aos 30 anos de idade, "morreu de tristeza por não se conformar com a prisão do marido".

Embora atualmente desfrute de prisão em sala livre, concessão feita pelo delegado local após ficar esclarecido que ele não tem participação no crime, o índio Altamir está convencido de que o fato de ser neto de índio, filho de índio e remanescente indígena, é a principal razão de seu envolvimento no crime:

— Aqui nessa terra o índio paga por tudo — diz ele demonstrando enorme decepção com a cadeia e a injustiça de que foi vítima.

Atrás desse desabafo segue o seu arrependimento de haver saído de sua pequena vila para aceitar um emprego numa firma:

— Não devia nunca ter saído de Pau Brasil. Mas eu estava querendo melhorar minha roça e arranjei esse emprego. Era o modo de melhorar a minha vida. O diabo todo foi sair do meio dos índios para ir para junto dos brancos Em Pau Brasil a gente vive em paz, não há briga porque todo mundo lá é descendente de índio.

COMO FOI O CRIME

— Eu mesmo não posso contar, pois dele não participei. O morto era vigia da firma Tecnomonte. Eu trabalhava na Convap. O assassínio eu vim conhecer na prisão. O morto nunca vi. Soube depois de sua existência por causa do crime. Agora, depois de passado tanto tempo, o assassino disse que estava arrependido do que fez comigo e contou tudo ao delegado. E que havia me botado no meio com medo de apanhar. Levaram o caso ao juiz que prometeu me soltar. Estou esperando para o fim do ano. A FUNAI também mandou advogado para tratar do meu caso.

Por esse crime, o índio Altamir está condenado pela justiça a cumprir 20 anos de cadeia, já havendo cumprido quase três. Suas reações contra a sua prisão são próprias da passividade de um índio. Ele parece não ter raiva de ninguém:

— A cadeia não é boa, mas quando a pessoa deve ela é obrigada a se conformar. Na posição que estou, não posso me conformar. Essa culpa eu não devo a Deus.

Em seguida, conta, em prantos, a morte de sua mulher:

— Irene não comia. Vinha todo dia me ver na prisão. Por isso ela e os meus 4 filhos mudaram de Pau Brasil para Aracruz. Eu insistia que ela precisava ter forças para tomar conta dos nossos quatro filhos. Mas ela me dizia que botava o almoço para as crianças e não conseguia comer. Dizia que não aguentava mais comer e dormir me vendo naquela situação. Ela também tinha certeza de que jogaram a culpa em cima de mim porque sou descendente de índio. Chegou um dia que ela não aguentou e morreu. Eu não pude ir ao seu enterro. Agora que já fizeram essa injustiça toda comigo, eu não tenho muita vontade de viver. Só penso na vida por causa das minhas quatro crianças. Mas a vida sem a minha mulher não tem mais valor.

Depois da morte de sua mulher, o índio Altamir foi obrigado a trazer sua mãe para ficar com seus filhos. Sua casa e sua pequena propriedade em Pau Brasil estão abandonadas. Depois da prisão evidentemente nunca mais ele voltou lá, o que espera fazer nos próximos dias, com o sargento Magalhães Lage, que lhe fez tal promessa. Enquanto isso não ocorre, Altamir continua sendo visitado diariamente por seus quatro filhos:

— Os meus filhos vêm sempre me ver. Eu gosto que eles venham, mas me dá muita pena ver os quatro chorando todos os dias e querendo saber quando vou sair daqui. Respondo que está prometido sair no fim do ano. Ontem mesmo minha mãe esteve aqui para dizer que as crianças estão doentes e precisando de dinheiro para comprar remédio. Mas estou sem dinheiro.

Ao contar a situação dos filhos, Altamir entra novamente em crise de choro. Ele não está certo do que pensam os seus filhos sobre o crime. Diz que tem muito desgosto em ver os filhos sem mãe. Ele também não esquece das pancadas que recebeu para confessar sua participação no crime:

— Na época do crime veio um elemento da polícia de Vitória que me espancou muito. Soube agora até que ele morreu outro dia em Vitória de atropelamento. Ele me batia muito na barriga e eu botei muito sangue pela boca. Ele queria que eu confessasse um crime que não cometi. Mas o pessoal aqui da delegacia é muito bom. Nunca me encostou a mão. Eles me ajudam muito. Eu sinto muito viver nessa prisão por coisa que não cometi, meus filhos sofrendo e passando necessidade. Minha mãe, uma mulher cansada, tendo que tomar a frente de tudo. No dia 1º vou mandar mamãe de volta para Pau Brasil com os meninos. Eles não têm mais condições de ficar na cidade, pois a minha roça está precisando de alguém trabalhando nela.

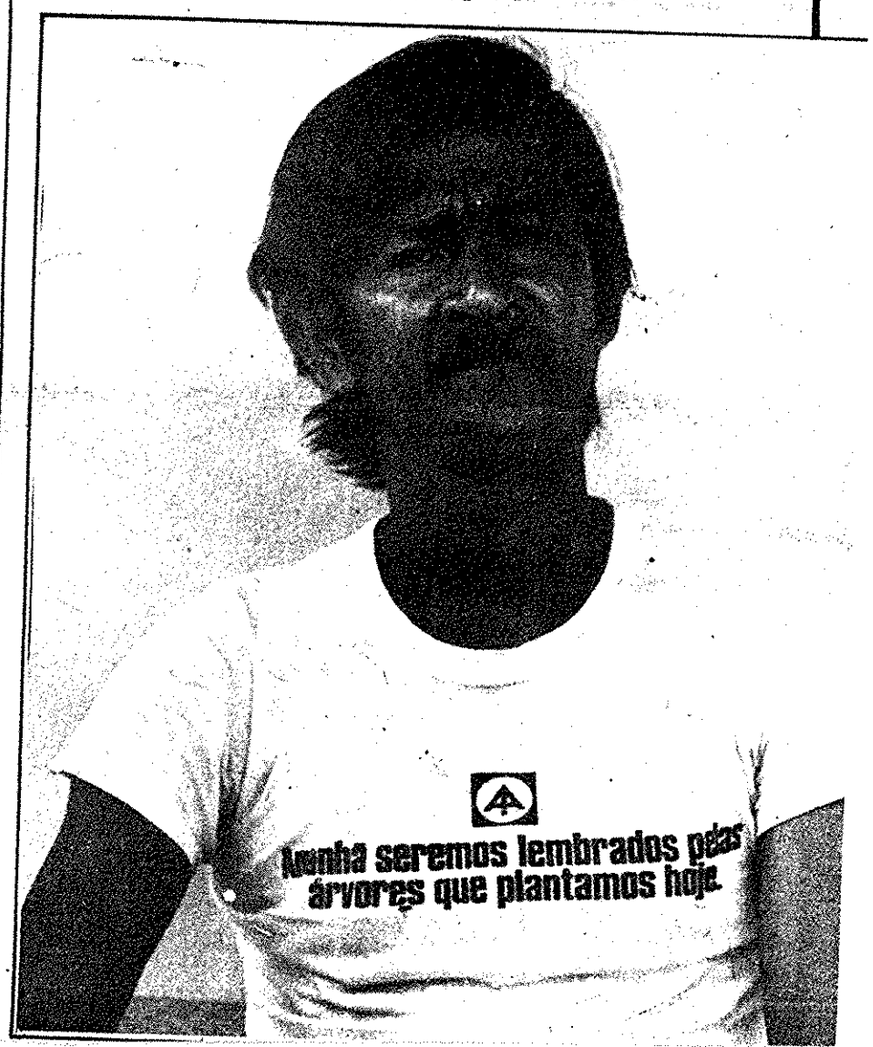
A despeito de achar que ficará livre dentro de pouco tempo, por causa da confissão do verdadeiro assassino, Altamir não sabe ainda que o seu processo terá que passar por uma revisão no Tribunal de Justiça, segundo esclarecimento obtido na delegacia onde está cumprindo a sua pena.

Na delegacia de Aracruz, tanto o escrivão Bermudes como o subdelegado Magalhães Lage, falam claramente da inocência do índio. O escrivão pressentiu a situação desde a época dos depoimentos, além de fazer referências ao seu passado, pois disse que Altamir é uma pessoa muito digna. "Conheço há 30 anos e nunca soube qualquer coisa que desabonasse a sua conduta. Já o sargento Magalhães Lage, conhecido pela sua amizade com os índios Tupiniquins, tem plena convicção de que Altamir não praticou o crime. Tem desenvolvido, inclusive, esforços para que uma solução beneficie logo o índio.

Em Pau Brasil, há uma revolta com essa prisão. Com uma população de apenas 120 pessoas, seus moradores reclamam da participação do índio no crime, dizendo que ele sempre foi um homem pacato, voltado para o seu trabalho na roça e dedicado à família. Acreditam que Altamir foi vítima da esperteza do branco. "Aqui, diz dona Lindaura Cruz, ninguém está acostumado a brigas. Vivemos em paz e de acordo com os nossos recursos. Somos pobres, mas não temos queixa disso. A vida tem outras coisas que nós conseguimos somente aqui. Tenho pena do pobre do Altamir e da tragédia de sua vida. Mas estamos esperando que ele volte em breve para casa".

Essa esperança de voltar para Pau Brasil é que atualmente sustenta o índio na cadeia pública de Aracruz. Entretanto, ela nunca será suficiente para matar a impressão de Altamir sobre as injustiças no mundo dos brancos.

— Isso aconteceu porque sou índio e o branco nessa terra sempre jogou suas culpas nos índios.



AUTOR DO CRIME CONFESSA TUDO E ÍNDIO TUPINIQUIM PODE SER SOLTO